

Bloco do Mofo: a alegria do carnaval em Araci

Mírian Carvalho Miranda
Pedro Juarez Pinheiro
Educadores de Araci-Ba

Na cidade de Araci, Bahia, uma manifestação cultural vem a cada ano enchendo as ruas de alegrias, cores e fantasias. O bloco do Mofo, que todo domingo de Páscoa sai em cortejo, agrega todas as idades e foi idealizado com o objetivo de criar um espaço de diversão para a Terceira idade. Hoje, o bloco se consolida como uma atração carnavalesca que, com suas marchinhas e a espontaneidade de seus foliões, atrai não somente quem é da cidade, mas gente que vem de outros lugares para se juntar à sua alegria e irreverência.

A ideia da criação do Bloco do Mofo foi do Radialista José Socorro da Silva, por meio da Rádio Comunitária Cultura Fm e do Centro Cultural, pensando em trazer diversão e ânimo para o público da terceira idade. Com isso, tiraria o "mofo" dos idosos e das fantasias que ficavam esquecidas dentro de casa. Segundo ele: "...era como tirar as velhas fantasias do armário, sacudir o bolor, dar um cheiro de lança perfume e cair na folia dando mais vida à própria existência dos sexagenários". A brincadeira ganhou dimensão e surgiram outros parceiros, a exemplo da Secretaria de Cultura que, há vários anos, vem dando apoio envolvendo-se na organização.

Os antigos carnavais já fizeram parte da dinâmica cultural em Araci. Depoimentos de Carlos Mota, historiador local, rememoraram as brincadeiras que contagiavam os foliões. Porém, as festas se resumiam a espaços fechados, como no salão do antigo prédio da Prefeitura ou nas residências. Segundo Carlos Mota, os jovens,

já naquela época, se produziam, fantasiando-se e pintando-se, e mesmo com os recursos limitados, se divertiam e festejavam. Somente anos depois, e com alguns hiatos, essas manifestações retornariam às ruas.

As expressões artísticas e culturais estão organicamente presentes no dinamismo e diversidade com que se apresen-



Pedro Juarez

tam os foliões no Bloco do Mofo, demonstrando feições de muita alegria, simbologia e encantamento. É uma festa que, opondo-se aos padrões e modelos midiáticos globalizadores, busca algo genuíno e criativo. Desta forma, "Há diversas tendências contrapostas impedindo que o mundo se torne um espaço culturalmente uniforme e homogêneo. A cultura global necessita do diferente para prosperar [...]", afirma Hall (2003, p. 3).

O bloco começou com um carro de som e atualmente conta com um mini-trio, que segue acompanhando a multidão em que vai um animador e são to-

cadas, num som mecânico, as marchinhas carnavalescas. Participam também, tocando durante todo o percurso e inseridos no meio dos foliões, a Banda de Pífanos da Barreira, que todo ano vem da zona rural especialmente para participar do Bloco, além da Charanga, que é um grupo musical formado por membros da Fanfarra local.

Quando o bloco chega à praça principal da cidade, a multidão, ainda com muita energia e animação, realiza um grande círculo de samba de roda, marchinhas e cirandas. Dona Popô, 76 anos, que desde a primeira edição é a rainha do Bloco, relata: "É uma alegria encontrar os amigos, se fantasiar, brincar e receber o carinho das pessoas". Ela puxa o povo para sambar e cantar dentro da roda. Assim acontece a culminância do cortejo, um caldeirão diverso e

colorido que se forma na praça, com todos ainda dispostos a pular e festejar.

É nessa celebração final que, além das letras e ritmos das marchinhas carnavalescas, surgem cantigas populares ao modo da cultura regional evidenciando as sonoridades dos artistas populares, entoam-se versos: Leva eu meu bem/ Leva eu pra lá/ Leva eu meu bem/ Leva eu pra vadear.

Referência

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções do nosso tempo. *Revista Educação e Realidade*. nº 23. Rio de Janeiro. Mai/ago, 2003, p. 01.